

CONHECIMENTO E CONSUMO: DESAFIOS PARA A EDUCAÇÃO NA ERA DA CULTURA MIDIÁTICA

KNOWLEDGE AND CONSUMPTION: CHALLENGES FOR THE EDUCATION IN THE ERA OF MEDIATIC CULTURE

PIMENTA, Maria Alzira de Almeida*

PRATA-LINHARES, Martha Maria**

* Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Mestre em Artes pela Universidade de São Paulo e graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas. Faz parte dos grupos de pesquisa Mediação Pedagógica – UFPB e Desenvolvimento profissional e trabalho docente na contemporaneidade – UNIUBE. Atualmente, é docente do curso de Pós-graduação em Educação da Universidade de Uberaba (UNIUBE). E-mail: alzira.pimenta@gmail.com

** Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) . Coordena a pesquisa - Inovações Curriculares e o Uso da Web 2.0 : Flexibilidade nas Práticas e na Formação de Professores Universitários- e participa como pesquisadora nos projetos: Formação de Professores e Paradigmas Curriculares; e Media Literacy no Ensino Médio: atividades de leitura e escrita com professores e alunos. E-mail: martha.prata@gmail.com

RESUMO

A mídia tem sido um desafio para as instituições educativas. Ela aumenta em quantidades e em capacidade de processar informações fazendo com que a cada dia novas relações entre tecnologia, educação e conhecimentos sejam construídas. Com o desenvolvimento da interface de internet conhecida como web 2.0, a produção e a divulgação de conteúdos foram facilitadas e os jovens e as crianças, além de acessarem informações, passaram também a ser produtores de conteúdos. O acesso à mídia por parte de jovens e crianças influencia a maneira como aprendem e a relação que estabelecem com o conhecimento. Por outro lado, as empresas utilizam a mídia para promover vendas e seu lucro, implicando no aumento do consumo pela sociedade. As instituições educativas precisam definir formas para lidar com as implicações impostas pela crescente valorização do consumo, de produtos e de informações, que muitas vezes não vem acompanhada da valorização do conhecimento. Esta dinâmica é um desafio atual da educação e tema deste artigo que constitui-se de resultados de estudos teóricos e tem como objetivo estimular a reflexão sobre a influência da mídia, enquanto estimuladora do consumo, na conjuntura atual, e sua repercussão nas demandas, atitudes e comportamentos de crianças e de jovens em fase de escolarização. Cumpre ressaltar, que a intervenção possível e premente na prática educativa passa pela leitura e utilização crítica da mídia. Considerando estes aspectos, a gestão e a formação de professores devem ser constantemente revistas.

Palavras-chave: Conhecimento. Mídia. Leitura crítica. Formação de professores. Cultura digital.

ABSTRACT

The media has been a challenge for educational institutions . It increases in quantity and ability to process information, making every day new relationships between technology , education and knowledge are built . With the development of the Internet known as Web 2.0 , production and dissemination of content were facilitated and young people and children have also become content producers. The access to media by children and young people influences how they learn and the relationship they establish with knowledge. On the other hand , companies use the media to promote their sales and profits , resulting in increased consumption by society . Educational institutions need to define ways to deal with the implications imposed by the growing appreciation of the consumption of goods and information , which often is not accompanied the enhancement of knowledge . This dynamic is a current challenge of education and subject of this article that consists of results of theoretical studies and aims to stimulate reflection on the influence of the media, as a consumption stimulator, in the actual context, and its impact on the demands , attitudes and behaviors of children and youth in the process of schooling . It should be emphasized that the possible and urgent intervention in educational practice involves the reading and critical use of the media. Considering these aspects , management and teachers education should be constantly revised.

Keywords: Knowledge. Media. Critical read. Teacher education. Digital culture.

1 INTRODUÇÃO

O conhecimento é considerado o maior bem construído pela humanidade. Ele determina o desenvolvimento tecnológico (industrialização) e social (avanços na área do direito, da política, dentre outros). Por outro lado, a industrialização promove o consumo dos recursos naturais que, por sua vez, tem gerado preocupações com a devastação do planeta. Dialeticamente, a melhoria da qualidade de vida, propiciada pelo desenvolvimento, traz como consequência nefasta a ameaça de destruição da vida. Entretanto, parece lógico pensar que a reversão desse processo destrutivo somente acontecerá a partir da socialização de novos conhecimentos. Estes não mais, somente, de ordem técnica (por exemplo, sobre como aumentar a produção), mas conhecimento entendido de forma ampla, que envolva reflexão, análise crítica e busca de soluções. Se o conhecimento técnico, sem reflexão alimenta o consumo desenfreado que ameaça a sobrevivência do planeta, a análise crítica pode promover a valorização e construção de novos conhecimentos que ajudem a controlar o consumo, levando-o a padrões suportáveis.

Este artigo propõe-se a refletir sobre a conjuntura social, avançando no início do terceiro milênio, sua relação com a valorização do conhecimento e o uso da mídia. Qual o papel do conhecimento na atual conjuntura social? Como a ampliação e sofisticação do uso da mídia tem alterado seu potencial de comunicação? Quais conteúdos têm sido veiculados pela mídia? O que educadores devem considerar em relação à leitura crítica da mídia? De que forma a mídia pode tornar-se um meio de promoção da educação na sala de aula?

O pressuposto é que estamos vivendo um período em que o consumo aumenta e o conhecimento tende a ser visto, também, como mais um recurso que “agrega valor ao produto”. A ciência produz o conhecimento que, depois de transformado em tecnologia, o capitalismo orienta “[...] única e exclusivamente para a criação de valor econômico” (DUPAS, 2001, p. 14).

Essa apropriação utilitária do conhecimento pelo capitalismo foi acompanhada por uma mudança no imaginário social em relação à valorização do estudo. Se durante a maior parte do século XX ele era associado à ascensão cultural e econômica – e, por isso, os pais se empenhavam em proporcioná-lo aos seus filhos –, nas últimas décadas o consumo toma esse lugar. A ascensão econômica é traduzida em poder de consumo e

assim sendo, a valorização da cultura fica restrita a alguns círculos. Essa substituição inicia-se, na década de 60 do século XX, com os movimentos que questionavam a ordem, a hierarquia, a tradição e a autoridade e, conseqüentemente, reivindicavam amor, liberdade, prazer, paz, entre outros. Esses movimentos influenciaram sobremaneira a sociedade levando a mudanças significativas, inclusive nas características da família, constituindo a que Roudinesco (2003) denominou família “contemporânea” ou “pós-moderna” – nesta, a hierarquia e a autoridade enfraqueceram-se e a autonomia dos integrantes foi valorizada.

A incorporação, pela sociedade, daquele necessário e saudável movimento de questionamento não teve somente os desdobramentos esperados por seus idealizadores – relacionados à justiça e à liberdade. É importante lembrar que muitas conquistas da sociedade atual são decorrências das rupturas provocadas pelo movimento, principalmente, as relacionadas aos direitos humanos e à liberdade de expressão, mas para efeito dessa reflexão cumpre chamar atenção para outros desdobramentos. Na educação, por exemplo, observa-se a dificuldade de pais (e professores) de definir e impor limites – estes associados equivocadamente ao autoritarismo, levando, em muitos casos, a permissividade no trato com crianças e jovens, apoiados em um discurso da necessidade de “não frustração” (PAGGI; GUARESCHI, 2004).

Outro desdobramento é observável na forma como a sociedade, alimentada pelo marketing, utiliza-se da mídia para promover o consumo cultuando a liberdade e o prazer fácil (e imediato). As diferentes linguagens, principalmente a visual que proporciona fruição estética – a beleza intoxicante (FREUD, 1978), tornam-se poderosos instrumentos para variados fins. A associação de consumo e prazer tem pelo menos duas facetas: se apresenta de forma direta na publicidade, cada vez mais voltada ao mundo digital e para o público infantil e jovem¹, e de forma indireta, em novelas e filmes como parte do universo ficcional (*merchandising*). Callahan (2004), no livro em que discute a “cultura da fraude”, observou que os valores culturais são determinados pelas forças transformadoras da sociedade, dentre elas, as mudanças tecnológicas. E, ainda, que a mídia facilita, como nunca visto, que os valores mudem rapidamente.

Vivemos em um mundo em que cada vez mais há uma centralidade da mídia na experiência cotidiana, no trabalho, no estudo e no lazer e a qualidade das informações tem um papel importantíssimo em nossas decisões. Com o desenvolvimento da interface de internet conhecida como web 2.0, a produção e a divulgação de conteúdos foram

facilitadas e os jovens e as crianças, além de acessarem informações, passaram também a ser produtores de conteúdos. Assim, a utilização da mídia aliada à explosão da internet para promover o consumo precisa ser compreendida considerando reconfiguração política e econômica em vários países, que altera características, mas não a desigualdade. Apesar de vivermos um período em que, segundo indicadores, há pleno emprego, o acúmulo da inadequada e injusta distribuição de renda ainda provoca miséria social que, por sua vez, leva a consequências desastrosas, dentre elas, a deterioração da qualidade de vida nas metrópoles, que tende a gerar criminalidade.

Recentemente, o jornal inglês *The Economist* trouxe uma reportagem tentando explicar o motivo da felicidade dos brasileiros, mesmo com a estagnação do crescimento econômico do Brasil. De fato, o Brasil teve um índice de crescimento de 2,3% ao ano entre 1995 e 2002, e o crescimento foi de 4% ao ano nos oito anos seguintes. Mas o Brasil, em seguida, cresceu 2,7% em 2011, e 0,9% em 2012 (THE ECONOMIST, 2013). Apesar do país como um todo estar com o grande desafio de continuar crescendo, na maioria das famílias os rendimentos ainda estão crescendo, rapidamente. O índice de emprego está perto de níveis recorde e os aumentos salariais estão confortavelmente superando a inflação, em parte por causa de grandes aumentos do salário mínimo, mas também por causa de um mercado de trabalho em expansão. Mas, mesmo assim, apesar das melhorias recentes, o Brasil ainda é um país com desigualdades sociais muito marcantes, e são os brasileiros com menos poder aquisitivo que pagam a maior parte de sua renda em impostos e que obtém o mínimo de benefícios estatais de volta (THE ECONOMIST, 2013).

Neste contexto, cada vez mais percebemos a necessidade de um movimento pela alfabetização midiática e informacional de alunos, professores e gestores de instituições de ensino, pois existem habilidades que podem e devem ser desenvolvidas e que contribuem para que cidadãos e cidadãs se relacionem melhor com a mídia, sabendo acessar as informações e avaliá-las melhor, assim como também saber produzir conteúdos usando diferentes linguagens e plataformas.

É importante considerar os novos desafios que as mídias trazem ao sistema de educação formal e à educação continuada dos cidadãos. Para os educadores, surge agora também a necessária tarefa de educar para o uso crítico e criativo das novas tecnologias, habilidade elementar tanto para a empregabilidade, quanto para a participação social e política (SIQUEIRA, 2007, p. 74).

De acordo com Carlsson (2010), o indivíduo que tem conhecimento em mídia constrói mais facilmente uma opinião informada sobre assuntos e eventos de caráter social, estando assim melhor equipado para expressar sua opinião, tanto individual, quanto coletivamente, em contextos públicos e privados.

A qualidade da informação que recebemos tem um papel importantíssimo e decisivo nas escolhas que fazemos nas nossas ações e na nossa capacidade de usufruir das liberdades. Somado a isto cada vez mais aumentam em número e em possibilidades os acesso às informações disponíveis aos cidadãos a partir do avanço tecnológico. Assim, é preciso buscar maneiras para avaliarmos a relevância e a confiabilidade da informação a que temos acesso. É preciso também trazer as instituições de ensino para este movimento, que incorpora os professores como os principais agentes de mudança.

2 UM CENÁRIO COMPLEXO

No Brasil, o âmbito político, é marcado pelo fim de um regime de ditadura, há aproximadamente 30 anos. Desde então, instaurou-se um processo de adaptação e vivência da democracia. As mudanças realizadas pelos governos pós-ditadura têm promovido a competitividade do país e sua inserção no cenário econômico. Entretanto, apesar de as condições de vida das populações mais carentes terem melhorado, não foram realizadas ou ainda estão em processo as necessárias reformas estruturais (judiciária, tributária e política). Outro problema que permeia a dinâmica política do país, afetando gravemente a sociedade é a corrupção. A dificuldade dos órgãos competentes para combatê-la gera uma sensação quase como se ela fosse um “mal necessário”ⁱⁱ.

Na área econômica, como já foi abordado anteriormente, mesmo que a desigualdade tenha diminuído com o crescimento significativo da classe C, que foi incorporada ao grupo dos consumidores, ainda permanece: uma minoria abastada que concentra renda e poder em oposição à maioria que se mantém, alijada do acesso a um sistema de saúde e de ensino eficazes e privada de usufruir dos bens culturais.

A conjuntura do ponto de vista social é marcada principalmente pelas mudanças em relação à família. Esta última é o núcleo estruturador da sociedade, essencial para a formação e desenvolvimento dos indivíduos - tem sua configuração tradicional (pai, mãe e filhos) alterada. Não é incomum, atualmente, a família ser

composta de avó, pai (ou mãe) e netos, ou mãe e filhos. Outra possibilidade bastante frequente é a criança ter irmãos por parte de pai, que por sua vez é casado com uma mulher que tem outros filhos. Ou, ainda, ter irmãos por parte de pai e de mãe, com outra (o) parceira (o). A união estável entre pessoas do mesmo sexo também já é uma realidade brasileira. Essa flexibilização da estrutura familiar tem gerado configurações em constelações cada vez mais complexas que demandam dos envolvidos novas atitudes e comportamentos que, por sua vez, deveriam ser resultado de uma profunda reflexão e análise críticaⁱⁱⁱ.

No que diz respeito à cultura, chama atenção a pouca valorização do conhecimento como bem essencial para as pessoas, com potencial de melhorar sua qualidade de vida. Tanto do ponto de vista social, quanto do econômico, o conhecimento não está diretamente associado com as profissões que propiciam maiores ganhos e projeção na mídia. Ao contrário, o professor, profissional que mais diretamente lida com ele, sabe-se tem salário baixo – quando comparado a outras profissões. Também como elemento essencial para se compartilhar do universo da ciência, das artes e da tecnologia construído pela humanidade, o conhecimento tem sido pouco valorizado. Atualmente, até a associação do estudo com a ascensão social está bastante ameaçada. Não sem razão já que as crianças crescem vendo e ouvindo que ser modelo ou jogador de futebol é que muda significativamente a vida das pessoas - e muitas crescem com esse sonho. Quando adolescentes, se valorizam a obtenção de um diploma, muitas vezes não mantêm a determinação de conhecer. Isto pode explicar a significativa incidência de fraudes em avaliações – a massificação do uso da “cola” e de plágio em exames e trabalhos acadêmicos, p.ex. (PIMENTA, 2008) – e o agravamento dos problemas disciplinares. Estes apontados, por uma parte dos professores, como uma dificuldade relevante a ser enfrentada em sala de aula (ZAGURY, 2006).

Configura-se, assim, uma contradição em relação à educação e ao conhecimento. Individualmente, são pouco valorizados como capazes de mudar rápida e significativamente a condição social e econômica. Por outro lado, considerando uma perspectiva mais ampla, é sabido que o acesso à educação e aos bens culturais pela maioria da população propicia o crescimento econômico da nação, o equilíbrio na distribuição de renda e, ainda, competitividade do país no mercado internacional.

Dentre as mudanças culturais importantes, outra que a escola tem que lidar é a universalização da língua inglesa. Nosso cotidiano, desde a paisagem urbana até os

textos, é invadido ostensivamente por termos como *home service*, *out-doors*, *delivery*, *test drive*, *fast food* e outros. O que poderia ser tratado pela escola como uma integração de culturas levando ao enriquecimento, sem um tratamento adequado, configura-se como reedição do colonialismo cultural. Será que esse fato não repercute na coesão e identidade cultural de nosso povo? E o que tem sido prioridade no imaginário das pessoas? Não seria o consumo e o prazer imediato? Desde a crise do socialismo, a ideia de superação das desigualdades, de uma utopia que pudesse unir povos e nações não se sustenta. Observa-se a preponderância do individualismo que dificulta qualquer defesa de um projeto coletivo^{iv}.

3 A ESCOLA E A EDUCAÇÃO PARA A MÍDIA

Faz parte de nosso cotidiano um grau de repetição, quase um automatismo, de ideias e de ações (inclusive do ato de consumir). Associa-se a isto o fato da mídia utilizar-se da linguagem audiovisual que tem acesso ao imaginário, reduto dos desejos humanos – podendo chegar a manifestá-los. Assim, é possível concordar com Lefebvre quando ele observa que:

O ato de consumir é um ato imaginário (portanto, fictício) tanto quanto um ato real (sendo o próprio real dividido em pressões e apropriações). Ele adquire então um aspecto metafórico (a felicidade em cada bocado, em cada erosão do objeto) e metonímico (todo consumo e toda felicidade de consumir em cada objeto e em cada ato). Não seria grave se o consumo não se apresentasse a si mesmo como ato pleno, como atualidade, inteiro à parte, sem trapaça, sem ilusão. Consumo imaginário, consumo do imaginário – os textos de publicidade – e consumo real não têm fronteiras que os delimitem. (1991, p. 100).

Como as informações postadas pela mídia podem ser usados de diferentes maneiras inclusive como forma de manipulação, uma questão adquire relevância: como é possível a escola contribuir para que a mídia torne-se efetivamente veículo de informação e não de manipulação? Considerando-se a sala de aula como local privilegiado de interação, acredita-se que, ao exercitar a leitura crítica desses meios, a escola pode mais do que transmitir informações e promover a aquisição de conhecimentos, desenvolver a autonomia intelectual de seus alunos. Cumpre notar, entretanto, que a leitura crítica deve ser exercitada sistematicamente, como uma atividade metódica de análise, discussão e síntese.

A escola é a instituição social que tem como papel a educação formal: transmitir informação que irá gerar conhecimento, socializar e contribuir para a formação do cidadão. Dentro desse escopo também cabe a formação de atitudes, ou seja, de valores. Apesar da importância da educação permear o discurso das autoridades políticas do país, a escola pública carece de mais cuidado pelo poder público. Acrescente-se, ainda, a essa conjuntura, o fato de ter como seus representantes professores cuja formação e competência vêm sendo, frequentemente, criticadas. Tem sido difícil associar a imagem do professor à distinção de outra época. Como agravante, para população em geral que não compreende os interesses que estão em jogo, essa imagem negativa implica na desvalorização do próprio conhecimento — cuja construção e socialização constituem uma das razões de ser da escola.

Cortella (1999, p.10) fez uma análise da realidade educacional brasileira – ainda atual em nossos dias – com sua propagandeada e indiscutível crise, assim definida: "É um projeto deliberado de exclusão e dominação social que precisa ser derrotado, para não ficarmos permanentemente aprisionados no maniqueísmo mercantil ou na disfarçada delinquência estatal". A origem dessa crise pode ser atribuída à adoção do modelo econômico que elegeu como prioridade a produção industrial, a partir de 1964. Dentre as implicações dessa escolha, a urbanização acelerada de alguns centros (São Paulo e Rio de Janeiro, principalmente), sem investimentos proporcionais na área de educação e de saúde, tem sido determinante para o caos social observável.

Aceitas a definição e a origem da crise, convém refletir sobre como intervir e o que fazer. Há um consenso em torno da importância da educação, enquanto construtora de cidadania e determinante na promoção de condições para a inclusão social. Políticos, autoridades e empresários são unânimes ao defender o direito e a necessidade de se levar educação a todas as classes sociais. Diante de tal unanimidade surgem as questões: quais conteúdos devem ser aprendidos? E como aprender? Responder a essas questões contribui, em grande parte, para a qualidade da educação e para a efetiva democratização do saber.

Cortella (1999), partindo da premissa de que não há conhecimento sem o humano, obviedade que muitas vezes parece esquecida ou desprezada considerando as condições em que vivem muitos humanos, retomou a importância da cultura - que produzimos e que nos produz. Ela, como resultado da ação transformadora do homem

sobre a natureza por meio do trabalho, confunde-se com o conhecimento e os valores vigentes.

A importância da cultura reside no fato dela, enquanto construção coletiva, atuar como balizadora da existência humana. Ela pode ser entendida em um sentido amplo: cultura ocidental, contemporânea, brasileira, mas também em uma dimensão mais específica: cultura do grupo (instituição) que processa o conhecimento. A escola é, portanto, uma instituição com cultura própria, que busca formar cidadãos, a partir da construção do conhecimento. Com papel social tão relevante, torna-se difícil defender a neutralidade e a despolitização dos processos educativos. O que se escolhe, ou se acaba por fazer na sala de aula tem consequências, sempre. Desde a forma que os alunos são tratados, até a maneira como são motivados a tratar as informações e o conhecimento. Mas é possível à escola, a partir de sua prática educativa, reconstruir a valorização do conhecimento? Cumpre observar que prática educativa é entendida como ação que demanda, para ser eficaz, planejamento, interação, avaliação e, finalmente, a reflexão crítica e o replanejamento. Segundo Zabala (1998), ela é resultado dessas variáveis que se inter-relacionam de forma complexa, na sala de aula.

Até aqui foram citadas algumas questões que permeiam o cotidiano da escola e se colocam como desafios a serem superados. São estes: a crise resultante da conjuntura social e o embate sobre quais métodos e quais conteúdos devem ser privilegiados, entre outros. O que se pretende destacar é a contribuição que, utilizada criticamente, resultaria da incorporação da mídia na prática educativa. A mídia oferece recursos sociais e culturais que podem capacitar crianças e jovens, tanto em seu desenvolvimento pessoal quanto em seu desenvolvimento como membros da sociedade, como cidadãos (CARLSSON, 2010, p. 16). A leitura crítica da mídia, a alfabetização midiática, ou seja, a educação para a mídia é uma das formas possíveis de, a partir da própria escola assumindo a condição de sujeito, discutir e, conseqüentemente, enfrentar os desafios elencados.

4 O PROFESSOR E A SUA FORMAÇÃO PARA O USO DIÁRIO DAS MÍDIAS

O impacto das mudanças culturais sobre a família, alterando suas características, implicou na delegação, para escola, da formação social básica e moral dos futuros cidadãos. A escola, como resposta, pressionada por essa nova demanda, acabou

sobrecarregando o professor com atribuições, a princípio, não pertinentes ao seu papel e para os quais ele não tem sido preparado. Dentre os papéis que o professor acaba tendo que desempenhar, em função das dificuldades que os alunos apresentam, está: mãe ou pai, psicóloga (o), enfermeira (o), nutricionista. Desta forma, sua função original, que é ensinar, tende a diluir-se nesses vários papéis. Por outro lado, a baixa remuneração financeira do professor, em geral, aumenta o *stress* causado pelo excesso de atribuições, não corresponde à responsabilidade que lhe é atribuída.

Para completar esse quadro desfavorável para o desempenho do papel de docente, no relatório “Educação para todos: avaliação da década”, Fernandes (2000) cita pesquisa realizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) e pelo Laboratório de Psicologia da Universidade de Brasília sobre a situação dos professores e trabalhadores na rede estadual. A pesquisa concluiu que 48% dos professores brasileiros estavam com a síndrome de *Burnout*^v, ou seja, eles continuavam indo para escola diariamente, mas perderam a ligação com seu trabalho, pouco importava sua qualidade e qualquer esforço que faziam lhes parecia inútil. Novas pesquisas como as de Batista, Carlotto, Coutinho e Augusto (2010) mostram que o tema ainda se repete na atualidade.

As variáveis que determinam a qualidade do trabalho educativo (método, formação do professor, tipo de gestão da escola) são importantes, entretanto, dadas as condições adversas, já apontadas, a atuação do professor adquire uma relevância singular. É ele que está na “linha de frente” com o aluno. Dele são cobrados os conhecimentos específicos e o traquejo didático, indispensáveis para a socialização e construção de conhecimento e, conseqüentemente, formação intelectual do aluno. E, ainda, coerência, liderança, e segurança para pôr limites, ordenando a convivência e o processo de ensino-aprendizagem, na sala de aula. A cobrança é enorme, o retorno nem tanto.

Sendo assim, a formação do professor, tanto teórica quanto prática, a partir do estágio nas escolas, deveria ser pensada como uma das instâncias de reflexão sobre *o quê* fazer na sala de aula e *como*. E, sobretudo, contemplar a complexidade de fatores que intervêm na prática educativa.

A delicada tarefa de educar, nessa conjuntura complexa, pode ser pensada considerando a revisão do papel do professor (e, este inclui os formadores de professores) que Gutierrez (1978, p. 79) faz ao dizer que “é missão dos educadores

encontrar – através de uma pedagogia fundamentada nos meios de comunicação – as possibilidades que permitam ao homem uma maior expressividade”

A proposta de uma nova atitude, dentro da perspectiva do trabalho com alfabetização midiática pode adequar-se tanto à Educação Básica, quanto aos cursos de formação de professores uma vez que as questões educacionais são exaustivamente discutidas nos vários produtos da indústria cultural.

Neste sentido, a UNESCO propõe um referencial curricular para a formação de professores para o uso da mídia. A proposta contida em Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores (WILSON et al, 2013) foca o desenvolvimento da consciência sobre o modo como usamos as mídias para o trabalho, o lazer e o aprendizado. Nesse contexto, a alfabetização midiática é considerada um instrumento para construir sociedades do conhecimento, promover a liberdade de expressão e o acesso universal à informação. Ainda de acordo com este referencial curricular, os professores alfabetizados em conhecimentos e habilidades midiáticas e informacionais tem potencial para promover a aprendizagem autônoma de seus alunos e a cidadania ativa. Neste contexto “estariam respondendo a mudanças em seu papel de educadores, uma vez que o ensino desloca seu foco central da figura do professor para a figura do aprendiz” (WILSON et al, 2013, p. 17).

5 AS POSSÍVEIS AÇÕES DA ESCOLA

Com as mudanças sócio-políticas-culturais pelas quais a sociedade vem passando, uma questão torna-se fundamental, para os profissionais da área de educação: qual a formação deve ser dada aos alunos visando prepará-los para realização plena de seu potencial humano, para o exercício da cidadania e para inserção no mercado de trabalho?

Hernández (1998) adverte em seu trabalho que nenhuma mudança será possível se não forem melhoradas as condições materiais das escolas, o reconhecimento do trabalho do professor e seu salário. Mas será que com a cultura que permeia nossas escolas o aumento de salário e melhores condições de trabalho seriam elementos suficientes?

É sabido que, ao final da escolarização, o aluno deve ter conhecimento amplo e geral, mas também dominar os conteúdos específicos de cada disciplina. Entretanto,

diante das mudanças culturais observadas, se não houver uma formação de atitudes e habilidades, o aluno não terá condições de colocar em prática na sua vida os conhecimentos adquiridos na escola. Qual relevância tem sido atribuída à formação de atitudes? Qual relação entre esta e o domínio de conteúdos? Dentre as atitudes fundamentais na preparação do aluno para adaptar-se às mudanças e realizar-se como pessoa, destaca-se a visão crítica sobre a realidade. É ela que possibilita ao cidadão incorporar conhecimento ao posicionar-se diante dos fatos, da política, dos problemas sociais e ambientais, de seus próprios problemas, com autonomia.

Na década de 80 do século XX, Drucker (1993) preconizava que a escola, necessariamente, passaria por uma grande transformação, uma vez que o conhecimento mostrava uma tendência a tornar-se o verdadeiro capital e o principal gerador de riquezas. Esse fato exigiria das escolas uma nova concepção de ensino, de método e até mesmo de conhecimento. Assim, algumas disciplinas tradicionais poderiam desaparecer dos currículos, ou se transformarem, cedendo lugar a novas disciplinas, que surgiriam em função do desenvolvimento da ciência e da tecnologia. Nessa sociedade instruída, todos seus membros deveriam ser alfabetizados. E a alfabetização compreenderia, além da capacidade de ler, escrever e efetuar as quatro operações, noções elementares sobre o uso das novas tecnologias – a alfabetização digital.

Delineava-se, assim, uma nova concepção de conhecimento, não mais somente como conjunto estático de informações, mas como processo dinâmico e direcionado de aquisição de informações e, posteriormente, de análise. A construção do conhecimento passa a ter um sentido que é definido pelo contexto de sua produção. A adaptação a essa nova visão de conhecimento demanda uma atitude de constante recriação da prática educativa. A disponibilidade para mudança e a coragem para empreendê-la compõem o primeiro passo na busca do quê e como mudar.

Havendo disponibilidade e coragem, a revisão e, conseqüente, recriação de postura em relação ao conhecimento, na escola, poderá acontecer se os profissionais da área de Educação, além de não repetirem os mesmos planejamentos e atividades, discutirem as dificuldades e os conflitos (inerentes a todo empreendimento humano) de sua prática. A partir daí será possível definir o que será feito, por quem, como, quando — enfim, planejar para intervir. A implementação do que foi planejado deve ser acompanhado da avaliação constante, possibilitando os “ajustes de rumo” necessários.

Essa proposta, simples a princípio, envolve uma grande dificuldade. O trabalho com pessoas, inerente à educação, envolve comunicação, emoção e subjetividade conferindo-lhe uma dimensão mais de arte que de técnica. Naturalmente, essa característica dificulta definir padrões e critérios de desempenho. Dessa forma, quando se avalia o trabalho realizado por um professor, orientador pedagógico ou diretor, é muito comum as críticas serem tomadas como pessoais, esvaziando-se o caráter profissional. Assim, nem sempre é fácil a definição de propostas para melhorar a qualidade do trabalho desenvolvido – este sim, objeto das críticas. Outra consequência é a avaliação permanecer como ponto nevrálgico, sabe-se que ela é necessária, imprescindível, mas não se sabe muito bem como realizá-la. E o que possibilitaria aos professores reverem sua prática em relação ao conhecimento?

É preciso ter a compreensão de que as soluções não existem prontas. As que deram certo em outros contextos não podem ser repetidas sem alterações: a situação é outra e as pessoas também. Somente copiar as possíveis soluções, além de não garantir sucesso, conduz à massificação. Esta, por sua vez, desconsidera a individualidade e as diferenças de grupos.

Definida a atitude de busca, de diálogo, faltaria definir o eixo norteador em torno do qual a escola deveria estruturar sua prática. Apesar da anunciada crise do trabalho (FORRESTER, 1997), ele ainda permanece como pilar da sociedade a partir do qual a educação deve ser pensada. Com uma abordagem contemporânea sobre a relação entre educação e trabalho, Arroyo (1991) defendeu a ideia que o Brasil avançou muito na produção de bens e este fato teria como uma das consequências a melhoria na formação de seres humanos. Considera-se essa afirmação questionável na medida em que o avanço na produção de bens, não necessariamente implicou na melhoria da formação das pessoas. Entretanto, a observação da prática enriquece essa discussão e é possível concordar com Arroyo (1991, p. 163) quando ele afirma que: “O trabalho moderno vem constituindo trabalhadores novos em consciência, com novo saber, nova capacidade de entender-se e de entender a realidade, as leis e a lógica que governa a natureza e a sociedade”.

Sendo o trabalho moderno um fator determinante na forma de pensar e de entender a realidade, a teoria e a prática educativa não poderiam ficar alheias aos processos que passam pela produção material da existência humana. Além disso, delinea-se a necessidade da escola propiciar que seus alunos desenvolvam uma leitura

crítica da mídia, de seus produtos, uma vez que eles estão diretamente envolvidos na produção, comercialização e consumo de bens materiais. O próprio governo brasileiro, em publicação da Câmara dos Deputados, reconheceu a necessidade de se ter ações no sentido de partilhar os benefícios da sociedade da informação - inovação e instantaneidade -, uma vez que ela esbarra, à medida que cresce, num imenso desafio: precisa universalizar-se, democratizar-se, sob pena de reproduzir e perpetuar os velhos limites de um mundo historicamente desigual (NAZARENO et al, 2006, p. 11).

A escola continua sendo uma das instituições privilegiadas, onde é possível construir um referencial crítico com os alunos. Esse referencial crítico: capacidade de analisar, avaliar e prever — que também contribui para qualificação profissional, deve servir para o questionamento dos papéis das várias instituições sociais, inclusive da escola e da empresa. Dessa forma, seria possível fortalecer a sociedade civil, e esta assumiria uma condição mais ativa.

Arroyo (1991) apresenta as visões em que tem sido pensada a relação entre trabalho e educação. Uma delas é o *pessimismo culturalista*. Essa visão defende que as tradicionais formas de relação homem-natureza, na produção familiar e no trabalho autônomo, seriam mais educativas do que as novas formas de trabalho fabril. A preocupação da escola, dentro dessa visão, seria com a forma de preparar os jovens para resistirem aos “estragos” educativos e culturais trazidos pelas atuais formas de trabalho. Há, portanto, uma defesa das velhas formas de produção e de relações sociais. Essa visão se alinha com uma atitude de indiferença em relação à mídia, como se ela não existisse e não tivesse tanto poder de persuasão sobre as pessoas. Essa atitude é questionável a partir do momento que se compreende suas implicações. Ou seja, enquanto a escola desconsidera o poder da mídia, ela ganha espaço no imaginário de crianças, jovens e adultos despreparados para lidarem criticamente com ela.

Entende-se que há uma contradição presente no pensamento educacional: por um lado, não se podem negar as implicações positivas de várias mudanças trazidas pelo avanço científico-tecnológico; por outro lado, teme-se que elas levem a consequências morais, sociais e culturais deseducativas. Essa contradição parece ter impedido que a escola atualize seus métodos, estratégias e cultura em combinação com as mudanças sócio-culturais – marcadas pelos avanços tecnológicos. É possível dizer que a escola tem uma atitude introspectiva, voltada para si mesma, que a leva a repetir modelos (como o de gestão de empresas), dificultando que crie seus próprios e mais adequados a

seu papel social. Considera-se importante que os educadores repensem as implicações que a atitude introspectiva gera considerando as mudanças sócio-culturais.

Sendo assim, a escola, longe de se afastar da mídia, deve apropriar-se dela criticamente. Tornar-se uma participante ativa na vida pública necessariamente envolve o uso das mídias modernas (BUCKINRAM, 2001). Isto implica mais do que usá-la como recurso no processo de ensino-aprendizagem. Talvez a consequência preponderante fosse torná-la também objeto de conhecimento, decifrando como sua linguagem serve a veiculação de ideias e de desejos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesses primeiros anos do milênio, a escola encara grandes desafios, dentre eles: uma complexa conjuntura social, a chegada da internet proporcionando o acesso rápido a todo tipo de informação, a valorização do conhecimento como fator de produção e o apelo ao consumo. Alie-se a isso, sua resistência a mudanças e o poder de persuasão da mídia como indutora de comportamentos e de desejos. Entretanto, cumpre lembrar que muito há que ser feito, mas a matéria-prima para as transformações necessárias está na própria escola. É nela e a partir dela, tendo em vista as pessoas que lhe dão vida e alma, que as mudanças podem ser gestadas e implementadas. Para tanto, é indispensável, primeiramente, encarar a dimensão subjetiva, e de certa forma, artística inerente ao trabalho do professor. Em segundo lugar, aceitar que na escola existe, tal qual em qualquer grupo de pessoas, conflitos de ideias, de posturas, de interesses, de saberes e de desejos. E, finalmente, considerar que o exercício de leitura crítica dos bens culturais veiculados pela mídia se oferece como contribuição para o encaminhamento dos desafios e das questões que precisam ser enfrentados. Afinal, a mídia traz o mundo para dentro da escola possibilitando um diálogo com ele. Esse diálogo é fundamental para formação de cidadãos com visão mais ampla e, confiamos, mais cuidadosos. Considerando esses aspectos, acreditamos que escola estará fazendo seu importante papel.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. Revendo os vínculos entre trabalho e educação: elementos materiais da formação humana. In: Tomaz Tadeu Silva (org.), **Trabalho, Educação e Prática Social: Por uma teoria da formação humana**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

BATISTA, Jaqueline B. V.; CARLOTTO, Mary S.; COUTINHO, Antônio S.; AUGUSTO, Lia G. da S.. Prevalência da Síndrome de Burnout e fatores sociodemográficos e laborais em professores de escolas municipais da cidade de João Pessoa, PB. **Revista Brasileira de Epidemiologia**. São Paulo, v. 13, n. 3, Sept. 2010.

BUCKINRAM, David; MCFARLANE, Angela. **A digitally driven curriculum?** @school series editors, Joe Hallgarten, Leslie Ross and Damian Tambini, 2001.

CALLAHAN, David. **The Cheating Culture: Why More Americans Are Doing Wrong to Get Ahead**. Boston: Harcourt, 2004.

CARLSSON, Ulla (ed) . **Children and youth in the digital media culture from a Nordic horizon**. The International Clearinghouse on Children, Youth and Media Yearbook 2010. Nordicom University of Gothenburg, 2010.

CORTELLA, Mário S. **A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. São Paulo: Editora Cortez, 1999.

DRUCKER, Peter. **As Novas Realidades**. São Paulo: Editora Pioneira, 1993.

DUPAS, Gilberto. **Ética e poder na sociedade da informação**. De como a autonomia das novas tecnologias obriga a rever o mito do progresso. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FERNANDES, Francisco C. Em defesa da escola pública de qualidade. In: cenpec - centro de estudos e pesquisas em educação cultura e ação comunitária (org). **Educação para todos: avaliação da década**. Brasília: MEC/INEP, 2000. Disponível em: http://www.publicacoes.inep.gov.br/arquivos/%7BDEBC5505-6B0E-4AF1-BCAE-0D384B6AB419%7D_avaliacao_127.pdf. Acessado em 12 abr. 2012.

FORRESTER, Viviane. **O horror econômico**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

GUTIERREZ, Francisco. **Linguagem Total: uma pedagogia dos meios de comunicação**. São Paulo: Summus, 1978.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre, ArtMed, 1998.

LEFEBVRE, Henry. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo, Ed. Ática, 1992.

NAZARENO, Cláudio et al. **Tecnologia da informação e sociedade: o panorama brasileiro**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações. (Série temas de interesse do legislativo; n. 9), 2006.

PAGGI, Karina; GUARESCHI, Pedrinho. **O desafio dos limites: um enfoque psicossocial na educação dos filhos**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2004.

PIMENTA, Maria A. A. **Ética e a Formação de Professores: uma reflexão sobre a cola**, **Revista Educação & Cidadania**, no. 1, vol 7. Campinas – SP: Editora Átomo, 2008.
ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

SIQUEIRA, Alexandra, B. Educação para a mídia como política pública: experiência inglesa e proposta brasileira. **Comunicação & Política**, 25 (1), 73-100, 2007.
Disponível em <<http://www.cebela.org.br/imagens/Materia/01ART04%20Alexandra.pdf>>. Acessado em 05 mai. 2013.

TARDY, Michel. **O Professor e as Imagens**. São Paulo: Cultrix, 1976.

THE ECONOMIST. **Brazil isn't growing, so why are Brazilians so happy?** May 7th 2013. Disponível em <<http://www.economist.com>>. Acessado em 05 mai. 2013.

WILSON, Carolyn et al. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores**. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013.

ZABALA, Anthoni. **A prática educativa**. Como ensinar. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

ZAGURY, Tânia. **O professor refém**. São Paulo: Editora Record, 2006.

Artigo recebido em 21/06/2012

Aceito para publicação em 21/06/2013

Notas:

ⁱ Até propaganda de carro utiliza e aposta na criança como elemento determinante na escolha. Recentemente, uma propaganda de uma determinada marca de carro mostrava pais levando seus filhos a um evento. Todos diziam que não queriam ser deixados na entrada, somente o filho que possuía o carro da marca em questão pedia para ser deixado em frente ao evento. A alusão era clara: quem tem um carro mais bonito, moderno e caro não tem porque se envergonhar, os demais, sim.

ⁱⁱ Se as denúncias de corrupção não são verdade (categoria esta que para o cidadão comum é praticamente impossível acessar, distante que está dos fatos), o denunciamento orquestrado pela mídia é observável e tem, para o que nos interessa, o mesmo efeito: as figuras de autoridade que deveriam se comportar como modelos de moral ilibada, servindo de exemplo para os demais cidadãos têm feito o contrário. A exposição do envolvimento de deputados, senadores, presidentes de partido em denúncias de corrupção, a falta de esclarecimento sobre a apuração e, conseqüentemente, a falta de punição deixa a população sem referências, com aquela sensação de que tudo “acaba em pizza”. Nada mais danoso para o jovem, que precisa de modelos de conduta.

ⁱⁱⁱ É possível observar que temas polêmicos como esse, acrescido de drogadição, violência, sexualidade ainda são pouco discutidos (analisados criticamente) pelos educadores nos momentos de planejamento (elaboração do Projeto Político-Pedagógico, p. ex.), quase como se eles não fizessem parte do cotidiano das escolas.

^{iv} Interessante observar que na literatura relacionada à gestão organizacional há uma forte defesa da importância estratégica do trabalho em equipe. É conhecido que este último é a forma de se potencializar competências individuais gerando sinergia. Entretanto, essa estratégia é usada em situações específicas, localizadas, não é incorporada ao cotidiano, ao modo de ser e de viver.

^v Burnout é traduzida como “perder o fogo”, “perder a energia”. É uma síndrome estudada a partir de 1970 nos EUA, que envolve três componentes: despersonalização, exaustão emocional e falta de realização pessoal no trabalho. A clientela de risco inclui os profissionais de educação e saúde, policiais e agentes penitenciários entre outros.